Teologia e cultura: tensões em tempos pandêmicos

Odenicio Junior Marques de Melo*

RESUMO

O objetivo da presente discussão é construir um diálogo de alguns tópicos do pensamento de Paul Tillich e alguns desafios teológicos que têm surgido em nosso atual contexto de pandemia, com questões relacionadas à ressignificação da fé e seus atravessamentos culturais. Tal contexto ocasionado pela pandemia da Covid-19 traz um novo lugar para que a teologia de Tillich (ou alguns eixos) nos aponte horizontes de compreensão para a fé e suas potencialidades, quando as limitações dos empreendimentos humanos têm aparecido sem pedir licença, sobretudo com imagens fortes que a mídia vem trazendo, as covas com sepultamentos coletivos, com isso um medo da morte e perguntas sobre o sentido da vida pulsam, convocando os teólogos a ofertarem suas contribuições na tentativa de trazer alívio às múltiplas dimensões do sofrimento humano.

Palavras-chave: teologia; cultura; pandemia; Paul Tillich; Covid-19.

Theology and Culture: Tensions in Pandemic Times

Abstract

This paper dialogues topics on Paul Tillich's thought and theological challenges in current pandemic context, regarding issues related to the reframing of the faith and its cultural crossings.

Such a context caused by the Covid-19 pandemic brings a new place for Tillich's theology (or some points) indicating comprehensive horizons for faith and its potential. Because of human endeavors limitations have appeared without asking permission, especially with strong images that the media has been bringing—such as the graves with collective burials—with it a fear of death and questions about the meaning of life pulsate,

* Graduado em Teologia, Mestre em Educação Arte e História da Cultura no PPG-EAHC Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP. E-mail: odeniciojunior@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/6423504247664050>

calling on theologians to offer their contributions in an attempt to bring relief to the multiple dimensions of human suffering.

Keywords: Theology; Culture; Pandemic; Paul Tillich; Covid-19.

Introdução

Qualquer tentativa de enquadrar o pensamento de Paul Tillich envolve um risco enorme, o de não se conseguir uma densidade em termos de um reducionismo de determinadas categorias. Pode-se dizer que Tillich é o teólogo das travessias, que produz uma teologia em movimento. Tillich pode ser considerado o teólogo que transita pelos limites.

O objetivo da presente discussão visa construir um diálogo de alguns tópicos do pensamento tillichiano e alguns desafios que têm surgido em nosso atual contexto, com enormes desafios culturais.

Tal contexto ocasionado pela pandemia da Covid-19 traz um novo lugar para que a teologia de Tillich (ou alguns eixos) nos aponte horizontes de compreensão para a fé e suas potencialidades, quando as limitações dos empreendimentos humanos têm aparecido sem pedir licença, sobretudo com imagens fortes que a mídia vem trazendo, as covas com sepultamentos coletivos, com isso um medo da morte e perguntas sobre o sentido da vida pulsam, convocando os teólogos a ofertarem suas contribuições na tentativa de trazer alívio às múltiplas dimensões do sofrimento humano.

Ao pensarmos nos processos de luto coletivo, nas perdas de pessoas estimadas, que por medidas de proteção não podem ter uma despedida digna, a pergunta que servirá de norte para o que se segue, nascem de uma prática de teologia no contexto da capelanía hospitalar, em um hospital privado na cidade do Rio de Janeiro, onde na tentativa de construir bases seguras de fé e esperança, diante das lágrimas das mais distintas naturezas (pessoas que perderam familiares, pessoas que ao contrair a doença no processo de internação foram tomados pelo pavor da morte e ainda profissionais esgotados com suas preocupações pessoais como todo ser humano – mas no exercício do cuidar celebrando algumas altas e com sentimento de impotência em algumas perdas).

Na minha presença como teólogo, como capelão, leitor e admirador da obra de Tillich, me perguntei (e provavelmente seguirei um bom

tempo me perguntando): com essas transformações culturais tão intensas, com a presença da morte, da insegurança, dos limites da ciência, como a teologia tillichiana pode oferecer horizontes de fé e coragem para enfrentarmos esse momento?

No que se segue, espero, com humildade, sinalizar para algo além da utilização teórica, uma prática, manifesta na concretude do sofrimento humano em sua multidimensionalidade, um esforço para a construção de um lugar de refúgio e resiliência no meio do caos que temos experimentado.

I) Aproximações entre teologia e cultura: diagnósticos da Contemporaneidade

O fazer teológico está inserido em uma *situação temporal*. Esse é um termo tillichiano que possibilita um descortinar da percepção, e faz com que se consiga estabelecer uma ponte entre a teologia, com sua(s) história(s) e o presente. Não pretendemos aqui condicionar a teologia, com uma longa trajetória, aos anseios do presente como se o presente e suas circunstâncias fossem determinantes por si só na construção do pensamento teológico.

Cabe-nos identificar os espaços onde a situação presente e a tradição podem se encontrar. E tentar vislumbrar como nesse encontro pode dialogar, de maneira franca, em relação de abertura mútua.

Para a construção desse diálogo, vale a pena trazer para a reflexão algumas breves contribuições de uma pensadora que tem uma leitura de extrema relevância dos principais acontecimentos do século XX. Hannah Arendt em sua obra *Entre o passado e o futuro*, a autora faz uma reflexão sobre o tempo presente e as lacunas de uma temporalidade em movimento, ela escreve

Caso fosse preciso escrever a história intelectual do nosso século não sob a forma de gerações consecutivas, onde o historiador deve ser literalmente fiel à sequência de teorias e atitudes, mas como a biografia de uma única pessoa, não visando senão a uma aproximação metafórica do que ocorreu efetivamente na consciência dos homens, veríamos a mente dessa pessoa obrigada a dar uma reviravolta não uma, mas duas vezes: primeiro, ao escapar do pensamento para a ação, e a seguir, quando a ação, ou antes o ter agido, forçou-a de volta ao pensamento (2016, p. 35).

Quando se fala em movimento nessa passagem arendtiana, não se aponta para uma discussão sobre a linearidade do tempo, ou um entendimento de passagem cronológica cíclica. A discussão tem a ver com os campos de tensão, que levam a situação presente ao limite, passado e futuro, em que o indivíduo habita. Ou seja, a situação na qual se está inserido – o presente – pode ser considerada uma espécie de lapso entre o que está no passado e o que vem no futuro, é um lugar, não-lugar existencial. É no campo de ação, ou dos acontecimentos, que o pensamento se materializa.

Há uma tradição, com suas regras bem explícitas, que estruturam a vida social. Mas para além da tradição – que se move junto com essa temporalidade *movimentadiça* – modos distintos no campo do acontecimento aparecem. “Apenas na medida em que pensa, isto é, em que é atemporal, o homem na plena realidade de seu ser concreto vive nessa lacuna temporal entre o passado e o futuro (ARENDT, 2016, p. 39).”

Face a essa temporalidade, na lacuna insólita, que tem de um lado o passado e do outro o futuro, Tillich, escreve sobre uma busca que talvez pode amenizar esse ‘mal estar’ da impermanência gerada nessa não-localização na dimensão da temporalidade,

A razão, como estrutura da mente e da realidade, torna-se efetiva nos processos do ser, da existência e da vida. O ser é finito, a existência é autocontraditória, e a vida é ambígua. Ela atua através das categorias finitas, dos conflitos autodestrutivos, das ambiguidades e da busca por aquilo que não é ambíguo, situado além do conflito e da sujeição às categorias (TILLICH, 2005, p. 95).

Com essa passagem nos interessa aqui pensar no que Tillich mostra como a “busca por aquilo que não é ambíguo”, situado “além do conflito e da sujeição”. Somos alertados aqui para um possível sintoma que existe no tempo presente, o caráter ambíguo que atravessa a existência. O que seria essa ambiguidade na teologia tillichiana? Como caminho para a compreensão do conceito de ambiguidade abro um diálogo com um artigo, publicado aqui mesmo na *Correlatio*, volume 16, n. 1, 2017, de Frederico Pieper, com o título, *Diálogos possíveis: as ambiguidades da vida em Paul Tillich e Ingmar Bergman*.

Primeiro é importante situar na Teologia Sistemática o lugar onde Tillich escreve sobre ambiguidade. É no terceiro volume onde o teólogo trata de forma direta o conceito. Pieper aponta uma razão para essa localização,

as partes anteriores da obra ofereciam o aparato para que Tillich pudesse retomar o tema nesse momento da obra. A atenção da primeira parte da Teologia Sistemática se dirige à noção de ser; já, na segunda, a existência é considerada de perto. E, na terceira parte, “Estamos, aqui, usando a palavra ‘vida’ no sentido de uma ‘mistura’ de elementos essenciais e existenciais” (TILLICH, 2005, p. 476 *apud* PIEPER), isto é: a ambiguidade da vida pode ser abordada quando as duas noções que ela pressupõe (essência e existência) já foram devidamente delineadas (2017, p. 262).

E o que seria, então, ambiguidade, na construção teológica tillichiana? Importante registrar que se trata de um conceito amplo, e aqui será feita uma breve discussão. No espaço entre o infinito passado e o infinito futuro seja a fonte da dimensão da ambiguidade do ser humano.

Tillich escreve que “todo processo de vida apresenta ambiguidade em que elementos positivos e negativos estão misturados de tal forma que é impossível separar o negativo do positivo: a vida é ambígua em cada momento” (2005, p. 494). A ambiguidade se dá na impossibilidade de superar as polarizações, o que poderíamos reconhecer como o já e o ainda não, não só nas questões últimas da vida, mas no cotidiano. Nas junções dessas tensões entre os positivos e os negativos, a vida acontece. E o que sugere a ligação entre a percepção da passagem de Arendt e a proposta de Tillich para pensar a ambiguidade, é o fato de que a lacuna que gera interditos entre o passado e o futuro (Arendt) é o agora, e é exatamente o entre-lugar, ou a fresta, onde se expõe a fratura entre o que é essencial e o existencial (Tillich), ou nas palavras do teólogo, “a vida não é nem essencial nem existencial, mas ambígua (2005, p. 494).”

Para elucidar o conceito de ambiguidade como característica da vida é importante entender o significado de essência e existência para Tillich. No artigo de Pieper há uma síntese desses conceitos, “com relação ao ser humano, a sua essência diz respeito ao que ele pode/deve ser” (2017, p. 263). Continua, “a existência mostra o que efetivamente

somos” (2017, p. 263). Então, nessa lacuna entre passado e futuro, ou também entre o que *deve ser* e o que *de fato é*, ocorre o chamo aqui de o lugar da impermanência. É o lugar onde se encontra a condição de ambiguidade.

Um dos fundamentos da sociedade ultra capitalista é o esforço para a dissimulação das instabilidades da vida. Um rápido olhar nas propagandas de carros novos, de lançamentos imobiliários, fundos de investimento de instituições bancárias, há uma construção discursiva que de alguma maneira aponta para uma vida incólume.

Nesse encanto proposto por esse sistema, que através de um sofisticado nível de sedução em seu processo de persuasão, o lugar da teologia que se desdobra dessa cultura tem um efeito nas características da fé com doses fortes de influência.

Chegamos em um momento do texto onde fazemos uma breve interface entre teologia e cultura. Para em seguida avançarmos para o contexto emergencial que a pandemia nos trouxe.

Voltaremos à introdução do sistema de Tillich, que logo nas primeiras linhas nos convida ao entendimento de seu método, “a teologia oscila entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que esta verdade deve ser recebida” (2005, p. 21). Tillich deixa claro desde o início o que irá realizar na reflexão sobre o lugar da fé e o encontro do indivíduo com o transcendente. Sem abandonar a dimensão do mistério, sem ir para um racionalismo frio, ele é na verdade um conciliador. As verdades sobre a fé nessa perspectiva não devem ser entendidas como palavras e conceitos em uma semântica inexorável isso porque as demandas do mundo se modificam, e a teologia nesse sentido, se torna um esforço que busca correlacionar os conteúdos da fé e as questões de cada época.

De forma alguma pode-se acusar Tillich de abandonar, ou diminuir a tradição (ou as tradições). Ele mesmo diz no terceiro volume algo de profunda sensibilidade e respeito: “certamente os três volumes da minha teologia sistemática não teriam sido escritos se eu não estivesse convicto de que o evento que deu origem ao cristianismo possui um significado central para toda a humanidade tanto antes como depois dele” (2005, p. 470). Sem deixar de dizer de onde vem, ele aponta para o centro da fé,

mas pensa em uma fé que acontece, com uma localização, no chão da vida. As perguntas de cada época necessitam de respostas proporcionais.

Aqui surge um conceito que pode contribuir na compreensão dessa temática. Na hermenêutica filosófica de Hans Georg-Gadamer (1900-2002) existe um conceito que pode ter um importante papel de agregar à percepção desse encontro entre o que se entende por tradição e as questões de cada época. Gadamer, especialista em processos de interpretação, em sua principal obra *Verdade e Método* (2015), nos traz o conceito de *fusão de horizontes*. Na construção de determinado conhecimento não há verdades prontas. Quando escreve sobre a fusão de horizontes, o filósofo alemão ensina que o entendimento é um processo dialógico. Não há somente uma estrutura morfológica e sintática, há também uma dimensão semântica.

Portanto, o que está em jogo quando buscamos uma leitura cultural da teologia, ou, uma leitura teológica da cultura, somos desafiados por Tillich a sermos conciliadores entre os elementos que compõe a fé, e o que há de último e profundo no chão da vida.

Quando se fala em ambiguidade na teologia tillichiana há uma correlação aos detalhes presentes nas estruturas culturais. Levando em consideração o que falamos acima, no sistema ultra capitalista, com suas sedutoras propagandas, que dissimulam aspectos que incomodam o real, a teologia tem em si potencialidade que a faz prefigurar como um elemento que fundamenta uma postura crítica, não no sentido destrutivo, mas que simplesmente não esconde os aspectos assombrosos que atravessam a vida. Nas palavras de Tillich sobre seu sistema, “a única alternativa foi tentar interpretar os símbolos da fé como expressões da nossa própria cultura” (2005, p. 470).

II) A presença do infinito na finitude: o mistério como refúgio

“Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” (1996, p.5)

Essa é uma passagem das mais inquietantes nos escritos de Tillich. Ela tem o poder de nos levar a uma profunda autoanálise sobre o modo como entendemos, ou mais, como sentimos a fé. A etimologia da palavra

“possuído” aponta para o latim – *possessus* – que significa posse ou propriedade; e de – *possideo* – que significa ter em mãos (2014, p. 350).

A tradução para a língua portuguesa apresenta alguns desafios quando comparada com o escrito em inglês. Todavia, essa ideia de estar possuído nos dá uma sensação de presença de algo para além de nós mesmos, uma espécie de transcendência, como sinaliza os significados em laim.

Junto com o termo “possuído”, temos o verbo estar, que indica um estado. Podemos pensar então, na fé como uma relação com o que nos possui, nos tem nas mãos. É um ponto de reconhecimento das limitações humanas, e a presença do inefável.

No texto em inglês temos: “Faith is the state of being ultimately concerned” (1957, p. 9). Em uma tradução livre: “fé é o estado de preocupação última do ser”, aqui não teríamos o elemento da tradução de O. Schlupp “estar possuído”, mas o estado de ser. Apesar das diferenças, o lugar da fé tanto em inglês, quanto em português é a profundidade do ser. Esse exercício de releitura em diferentes traduções nos dá pistas da potencialidade semântica do conceito de fé na teologia tillichiana.

Nessa perspectiva a fé pode ser entendida como uma experiência em que acontece um encontro entre o humano e o incondicional. O *ultimately concerned* ou a preocupação última sinaliza a ideia de limites, a experiência de fé “toca” nos limites, abrindo horizontes para o transcendente iminente no imanente. Em sua finitude, permeada pelas ambiguidades, ou como falamos na primeira parte, nas lacunas entre a essência e a existência, o infinito se presentifica na finitude. O mistério se permite ser experimentado, não no sentido de se por a prova, mas como presença, contato, como diz o Salmo 40, “*Ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro.*”

O encontro entre mistério e o humano, outro entre o infinito e o finito, é onde a fé acontece. Como escreve Tillich:

Um ato de fé é realizado por um ser finito, que está tomado pelo infinito e para esse se volta. Trata-se de um ato no âmbito do finito, com toda a limitação como tal lhe é própria; mas também é um ato do qual participa o infinito transcendendo os limites do finito (1996, p. 15)

A experiência do infinito não pode ser enquadrada nas aspirações culturais das promessas sedutoras das propagandas, como se o consumo de determinados produtos trouxesse verdadeiro alívio na busca humana de equilíbrio em suas preocupações últimas. Tillich propõe duas questões a esse respeito em seu sistema: “qual é o conteúdo de nossa preocupação última? O que de fato nos preocupa incondicionalmente?” (2005, p. 31). Ao que responde: “nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser” (2005, p. 31). Tentando construir uma ponte entre esses aspectos na obra tillichiana e o contexto cultural na pandemia, poderíamos pensar inicialmente que a presença da finitude de maneira (in)tensa na sociedade fez e tem feito muitos se questionarem sobre suas preocupações últimas. Seja por solidariedade aos que se foram, seja por ter entes queridos no hospital ou por ter perdido alguém próximo, surgem perguntas pela preocupação última, pelo sentido profundo da vida e pela finalidade d existência.

Diante desse *Sitz in Leben*, surge a pergunta: de que forma a teologia tillichiana pode ofertar horizontes de compreensão, elaboração e enfrentamento para todos os níveis de dor, sofrimento e desespero que compõe o a vida nesse momento?

Nomeei o subtítulo dessa parte do texto de “o mistério como refúgio”, pensando no Salmo 46, “*Deus é o nosso refúgio*”. Pensar na imagem de Deus através dessa metáfora traz uma sensação de proteção. Quando alguém busca refúgio, pé porque precisa se resguardar de algo que o ameaça. Atravessamos um momento em que não se pode desconsiderar a urgência como elemento que molda o jeito de olhar para o mundo, é preciso lidar com os perigos. Na *Dinâmica da fé*, Tillich sinaliza, ou “autoriza” a presença do medo e da incerteza em situações de crise,

fê é certeza na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado. Mas ao mesmo tempo a fê é cheia de incerteza, uma vez que o infinito, para o qual ela está orientada, é experimentado por um ser finito. Esse elemento de insegurança na fê não pode ser anulado; nós precisamos aceitá-lo (1996, p. 15).

Não é preciso atender aos padrões das propagandas midiáticas, de uma total satisfação, ou uma alegria em todo tempo. Essas seduções

que tentam penetrar nos lugares mais profundos dos desejos humanos, que quando satisfeitos, não desfazem o vazio. O espaço íntimo da fé é também espaço do reconhecimento e legitimação das dores, em todas as suas esferas. É importante um olhar sensível às vulnerabilidades existenciais, que são intensificadas em nosso tempo.

O acolhimento das incertezas tem efeitos positivos quando pensamos no viver em face aos limites colocados, Tillich escreve,

E esta aceitação é um ato de coragem. A fé engloba a ambos: conhecimento direto, do qual provém a certeza, e incerteza. Aceitar os dois é ter coragem. É suportando corajosamente a incerteza que a fé demonstra mais fortemente o seu caráter dinâmico (1996, p. 15).

Uma das possíveis saídas para a geração de forças para enfrentamento de tudo o que estamos atravessando é o (re)conhecimento da ambiguidade que constitui a vida, e das fragilidades que estão aí.

É possível desfrutar da presença do infinito, que visita nossa finitude, e se torna refúgio e abrigo. Em momentos críticos no atendimento aos pacientes, no setor de capelania, foi preciso ressignificar a escuta. Aprimorava-se ali uma teologia da escuta, a escuta que reconhece e acolhe os dramas da impermanência, sem promessas de “produtos” como os das propagandas.

Fecho essa parte, já sinalizando para a próxima, que é a última, com uma citação onde podemos sentir as ressonâncias do sistema tillichiano, que encostam em nosso tempo, “o ser humano está infinitamente preocupado pelo infinito ao qual pertence, do qual está separado e pelo qual anseia” (2005, p. 32).

III) A teologia e os cuidados com o luto: (e)laboração de novos rituais

Um assunto que acaba se tornando inevitável quando nos colocamos a refletir sobre as transformações culturais enfrentadas no contexto da pandemia é a questão do luto, e dos processos de elaboração da vida após perdas significativas. O problema que pretendo abordar aqui tem a ver com as contribuições que a teologia tillichiana pode agregar à sociedade, no sentido de que através dos símbolos de fé, que tocam o ser humano em suas preocupações últimas.

Em primeiro lugar, é importante situar um pouco os momentos dramáticos que assolam a sociedade. Um dos elementos que aprofundam a crise é o que vou denominar aqui de dor socioespiritual. Quando a Covid-19 começa a se dimensionar pelo mundo e no Brasil, não se sabia ao certo quais procedimentos médicos poderiam amenizar os sintomas. Muitas discussões, pesquisas, observações, mas a ciência não oferecia tanta segurança. Muitas mortes ocorrendo ao mesmo tempo, alguns hospitais precisando de containers para depositar tantos corpos.

O ambiente nas unidades hospitalares foi marcado por um cenário de caos. Estar em hospitalização já é difícil, e, nas unidades de cuidados com a Covid-19 se tornou um pouco mais difícil. Com os profissionais paramentados com os equipamentos de proteção, sem tempo para ofertar muita atenção aos pacientes. As visitas restritas, um ambiente (in)tenso.

Um dos momentos mais dramáticos era (e tem sido) o momento do óbito, e os desdobramentos após a comunicação de uma notícia difícil. O agente funerário com os equipamentos de proteção permitia um familiar fazer o reconhecimento, com um distanciamento seguro, sem qualquer possibilidade de aproximação. Em seguida, o corpo recebia os devidos cuidados e era levado na urna para uma breve despedida de pouquíssimos minutos a um número limitado de pessoas. E assim, milhares e milhares de pessoas são privados dessa última despedida, homenagem ao seu ente querido. Há uma quebra cultural, a ausência do velório, de um ritual de travessia, independe de qual religião, e até na família não religiosa, a despedida era um momento de elaboração, que agora não existia.

A vida fora das unidades hospitalares desacelera. Competições desportivas interrompidas, shows, exposições artísticas, espetáculos foram cancelados, comércios fechando as portas. Era preciso se isolar. O mundo com essas transformações passou por dimensões profundas de sofrimento. Há um luto social e uma melancolia coletiva. É preciso que a teologia participe de maneira direta desse contexto, e tente construir um plano de cuidados espirituais para o nosso tempo.

No texto *A coragem do ser* Tillich aborda três tipos de ansiedade que se atravessam na jornada humana. A ansiedade do destino da morte (1972, p.33); a ansiedade da vacuidade e insignificância (1972, p. 36); e a ansiedade da culpa e condenação (p. 39). A compreensão desses

tipos de ansiedade funciona como um estetoscópio que nos permite auscultar os ruídos que mostram os descompassos do tempo, na busca de um diagnóstico das doas espirituais. Explicando os três tipos de ansiedade, Tillich pontua que “em todas as três formas a ansiedade é existencial, no sentido de que pertence à existência como tal, não um estado anormal da mente” (1972, p. 32). Ou seja, o sofrimento é possível, é acolhido e legitimado.

Os três tipos de ansiedade estão de alguma forma interconectados, e, nas palavras de Tillich compõe a situação de desespero para a qual todas contribuem (1972, p. 42). O que seria desespero nessa perspectiva? Continua Tillich:

Desespero é uma situação extrema ou de linha de fronteira. Não se pode ir além dela. Sua natureza está indicada na etimologia da palavra desespero: sem esperança. Não aparece nenhum caminho para o futuro. O não-ser é sentido como absolutamente vitorioso (1972, p. 42).

Chegamos aqui ao ponto nevrálgico de nossa discussão. Lembro-me do contexto em que o profeta Jeremias nas suas lamentações, que diante do caos instaurado, registra: “*quero trazer à memória o que me pode dar esperança*” (Lm 3:21 – ARA). Na introdução do livro de Lamentações a Bíblia Tradução Ecumênica contextualiza essa passagem: “a catástrofe aqui em foco é a tomada de Jerusalém e a destruição do templo em 587 a. C. por Nabucodonosor, que deportou para a Babilônia parte da população” (1996, p. 861). A situação era grave, o sentimento que predominava naquele momento era a desolação e o desespero.

Para entendermos um pouco mais sobre os efeitos nessa situação de crise social, é importante termos claro o conceito sobre luto. Colin Murray Parkes tem fundamental importância na compreensão sobre essa temática. Para esse autor o luto não deve ser considerado um tipo de doença mental. Ele aponta alguns modos de compreensão,

visto globalmente, o luto assemelha-se a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. A perda pode ser referida como um ‘choque’. Assim como no caso do machucado físico, o ‘ferimento’ aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer complicações, a cura é mais lenta ou outro ferimento se abre naquele que estava quase curado.

Nesses casos surgem as condições anormais, que podem ser ainda mais complicadas com o aparecimento de outros tipos de doenças (1998, p. 22).

É uma situação de extrema delicadeza, que precisa de muito cuidado em qualquer abordagem. Em diálogo com a psicologia (importante deixar muito claro que o trabalho do teólogo não substitui em hipótese alguma o trabalho de uma profissional da psicologia ou psiquiatria), a teologia pode oferecer instrumentos de apoio no atravessamento desse processo. Aliás, Parkes não entende a situação de luto como um conceito fechado em si, mas como processo,

não é um conjunto de sintomas que tem início depois de uma perda e, depois gradualmente desvanece. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se substituem [...] cada uma dessas fases tem suas características, e há diferenças consideráveis de uma pessoa para outra, tanto no que se refere à duração quanto à forma de cada fase (1998, p. 24).

Há uma dimensão de singularidade no processo do luto. Mesmo sendo uma situação social, com muitos óbitos ao mesmo momento, com números significativos. Nas entrelinhas dessa numeração, tem cada família, cada pessoa vai construir suas formas de lidar com a dor da ausência. Para além de dados estatísticos somente, temos sofrimentos individuais. Parkes menciona as transformações que são geradas nessas ausências, “quando alguém morre, uma série de concepções sobre o mundo, que se apoiavam na existência da outra pessoa para garantir sua validade, de repente, passam a ficar sem essa validade” (1998, p. 114).

De que modo essas ponderações de Parkes sobre o luto, podem dialogar com alguns aspectos da teologia de Tillich?

Ao falarmos da vida como ambiguidade, ou seja, como o que acontece na lacuna entre essência ou existência, temos uma abertura ao que Tillich chama de *presença espiritual*. A fé nos momentos caóticos pode ajudar de maneira profundamente significativa na elaboração de uma ordem, que permite a pessoa recentralizar o que se esfacelou com a perda. Não falo aqui de uma solução mágica, rápida e definitiva. A presença espiritual que Tillich ensina em seu sistema dá uma base de

segurança mínima nos recomeços. Sempre respeitando o que Parkes denominou de *processos de luto*. Tillich escreve:

Se o Espírito divino irrompe no espírito humano, isto não significa que repouse nele, mas que elava o espírito humano para fora de si mesmo. O espírito, uma dimensão da vida finita, é levado a uma autotranscendência efetiva; é possuído por algo último e incondicional (2005, p. 568).

Quando o espírito está ferido, em situação de desespero, sem uma saída visível, essa presença espiritual potencializa condições para a elaboração de elementos simbólicos que convoca o ente em ausência, para outras formas de presença, o que vou chamar aqui de devir do conforto. Eis o plano de cuidados espirituais, aberto a todos os credos (e não credos), pois não estamos falando de uma experiência de uma dimensão sobrenatural, mas da construção de redes de apoio que podem ser tecidas e unir corações nessa situação de calamidade coletiva.

No arremedo a si mesmo, o ser humano perde suas rotas de fuga do real, e precisa se sentir, se perceber, não pode se anestesiá-lo nessas fugas, é obrigado a lidar consigo e com tudo que isso envolve. A vida online que surge pode ser aqui considerada como uma metáfora desse ser em busca de si mesmo, e de algo para além de si. Rituais simbólicos por plataformas virtuais são como tomografias para a percepção sobre a fé na cultura contemporânea. As palavras, através das telas de celular ou de computador, se tornam em possibilidades de abraço, essas palavras passam por um processo de encarnação.

Considerações finais

A teologia tillichiana não apresenta uma fórmula para sanar todos os dramas mundanos, mas oferecem possibilidades de alívio que auxilia no suportar os desesperos. Para encontrar um pouso suave para nossos dias, encerro, pensando num pôr-do-sol leve, deixando as palavras de Tillich, “uma vez que a humanidade nunca é abandonada por Deus, uma vez que ela está continuamente sob o impacto da presença espiritual, sempre existe um Novo Ser na história” (2005, p. 594).

Referências

- ARENDT, H. **Entre passado e o futuro**. 8ª edição. São Paulo – SP, Ed. Perspectiva, 2016.
- GADAMER, H. G. **Verdade e Método**. 15ª edição. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 2015.
- PIEPER, F. Diálogos possíveis. As ambiguidades da vida em Paul Tillich e Ingmar Bergman. **Correlatio**, v. 16, n. 1, p. 259 – 289, 2017.
- PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo – SP, Ed. Summus, 1998.
- REZENDE, A. M. BIANCHET, S. B. **Dicionário do latim essencial**. Belo Horizonte – MG, Ed. UFMG, 2014.
- TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. 5ª edição. São Leopoldo – RS, Ed. Sinodal, 2005.
- TILLICH, P. **Dynamics of Faith**. New York – USA, Ed. Harper and Brothers, 1957.
- TILLICH, P. **A coragem do ser**. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Paz e Terra, 1972.
- TILLICH, P. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo – RS, Ed. Sinodal, 1996.